



O que é lento no *slow journalism*? Uma análise da sua relação com o tempo

Barbara Nickel¹

Virginia Pradelina da Silveira Fonseca²

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Resumo: O objetivo deste texto é iniciar uma investigação sobre a temporalidade do *slow journalism*. Partimos de definições formuladas em âmbito acadêmico e analisamos produtos jornalísticos que são considerados parte do movimento. Recorremos à tipologia desenvolvida por Charron e Bonville, que descreve o jornalismo de transmissão, opinião, informação e comunicação, para observar, entre outros elementos, a relação de cada modelo com o tempo. Concluímos que, assim como no movimento *slow food*, as questões éticas se mostram mais relevantes ao *slow journalism* do que propriamente sua relação com o tempo.

Palavras-chave: slow journalism; jornalismo lento; temporalidades.

1. Introdução

A expressão *slow journalism* vem sendo usada por pesquisadores e jornalistas para descrever uma série de produtos que desafiam a lógica da velocidade na publicação de notícias a partir das transformações digitais da virada do século. Foi criada em 2007

¹ Doutoranda em Comunicação e Informação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). E-mail: barbara.nickel@gmail.com

² Doutora em Comunicação e Informação, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). E-mail: virginia@ufrgs.br

pela teórica literária Susan Greenberg (Hermann, 2016), que já na primeira década dos anos 2000 questionava a falta de investimentos dos veículos de imprensa e universidades britânicas em narrativas longas de não-ficção, comparando as tradições literárias do Reino Unido às dos Estados Unidos. No artigo, a autora faz referência ao movimento *slow food*, fundado na Itália em 1989 como crítica à disseminação da alimentação industrializada e comercializada por empresas globais, de maneira geral, e às redes de *fast food*, de maneira específica (PARKINGS; CRAIG, 2006). Greenberg pede o fim da dominância do que chama de cultura das *fast news*.

Não é à toa, portanto, que Rob Orchard, fundador da revista *Delayed Gratification* e do site www.slow-journalism.com, defende a aplicação dos princípios do movimento *slow food* ao jornalismo em suas manifestações. A publicação fundada por ele em 2011 é a mais citada em artigos que tratam do tema.

A questão do tempo no jornalismo não é nova, como se sabe. Em geral, estuda-se muito a pressão da velocidade e seus efeitos no produto, no processo de produção e no consumo de conteúdo jornalístico. O *slow journalism* propõe uma relação diferente com o tempo: um jornalismo não submetido às exigências de um prazo de fechamento apertado ou à publicação em tempo real. Resta, no entanto, uma questão: qual a especificidade desse movimento em relação a outros que, em décadas anteriores, no século XX, já subverteram essa lógica, como o jornalismo literário ou *New Journalism*?

Numa aproximação inicial com o tema, vamos aproveitar o quadro teórico apresentado por Charron e Bonville (2016) para construir uma tipologia das práticas jornalísticas para distinguir o jornalismo de comunicação, que seria o modelo atual de jornalismo, segundo os autores, de suas manifestações anteriores (jornalismo de transmissão, opinião e informação). Partiremos de uma apresentação breve dos estudos recentes sobre *slow journalism*, porque eles próprios evidenciam a falta de uma visão comum sobre o que poderia se encaixar nessa categoria, uma vez que um dos maiores desafios dos primeiros passos desta pesquisa tem sido definir precisamente o que significa o *slow* nesta expressão. Os exemplos citados em publicações especializadas ou científicas têm características distintas no que se refere à relação destes produtos com o tempo. O que pretendemos aqui, portanto, é observar se, nos exemplos mais comumente ligados à expressão, existe uma forma dominante no que diz respeito à temporalidade.

2. Slow Journalism

O primeiro artigo científico na área do jornalismo que foi possível localizar e que se propõe a discutir o que seria o *slow journalism* foi publicado em 2012. Ele articula de maneira mais reflexiva a conexão proposta por Susan Greenberg em 2007 e colocada em prática por Rob Orchard em 2011 a partir de uma transposição da filosofia do movimento *slow food* ao jornalismo. A análise proposta é sobre como a cobertura jornalística sobre mudanças climáticas – ou o jornalismo ambiental, de maneira geral - poderia se beneficiar se adotasse princípios do movimento italiano. Se a comida para o *slow food* deve ser boa (agradável ao paladar, fresca, sintonizada com a cultura local), limpa (respeita o meio-ambiente, a saúde dos consumidores e o bem-estar animal) e justa (preço justo para os consumidores, condições de trabalho adequadas e remuneração justa para os produtores), o que significaria produzir um jornalismo bom, limpo e justo? Guess (2012) sugere que bom, neste contexto, seria um jornalismo que oferece mais do que uma compilação de fatos, mas que se preocupa em prover seus consumidores de informações úteis, relevantes para eles, que gere bem-estar na comunidade em que vivem e que, além disso, teria qualidade de produção e de apresentação. A qualidade de “limpo” seria descrita da seguinte forma:

[...] produção e consumo que não corrompe ou é abusiva em relação às comunidades onde é praticado, não encoraja estereótipos de raça ou gênero, apoia a sustentabilidade tanto dos ecossistemas como dos meios de subsistência, apoia a justiça social, e desenvolve um sentido de destino compartilhado pela comunidade³ (GUESS, 2012).

Na visão do autor, a compreensão tradicional de um jornalismo “justo” remete ao discurso sobre uma prática jornalística que defende isenção e equilíbrio na cobertura de quaisquer temas. Guess critica essa interpretação quando utilizada para defender a ideia de que jornalistas não possam ser ativistas. Para ele, a ideia de justiça também

³ Tradução livre: “the production and consumption of which is not corrupt or abusive of the communities in which it is practised, does not encourage race or gender stereotyping, supports the sustainability of both ecosystems and livelihoods, supports social justice, and develops a sense of a community’s shared destiny;”

significa “tornar a mídia acessível às comunidades e garantir que as condições de emprego e remuneração nas organizações de mídia não sejam de exploração”⁴ (2012).

Em 2016, duas publicações – *Journalism Studies* e *Digital Journalism* – dedicaram edições inteiras ao tema. Megan Le Masurier, pesquisadora convidada a editar estas publicações e a apresentá-las, havia publicado um artigo em 2015 com o título *What is Slow Journalism*, em que procurava descrever as características do fenômeno. Os pesquisadores revelam-se preocupados em encontrar características específicas do *slow journalism*, analisando semelhanças e diferenças em relação a gêneros como o jornalismo literário, o novo jornalismo, o jornalismo etnográfico ou o jornalismo investigativo (AIGUABELLA, 2015; BELT, SOUTH, 2015; CEDILLO, CARRETERO, 2015; DROK, HERMANS, 2016; HERMANN, 2016; GREENBERG, 2013, 2016; LE MASURIER, 2015, 2016; NEVEU, 2016).

Craig (2016) é didático ao explicar que o que é relevante nas discussões levantadas pelo movimento é sua associação a questões éticas emprestadas dos demais movimentos *slow*. Estes, segundo ele, poderiam ter um caráter político de resistência frente às exigências de consumo veloz e irrefletido da vida contemporânea. Para o autor, a velocidade é um elemento que rege toda a vida contemporânea, inclusive as relações de poder. Sendo papel do jornalismo criticá-las, precisa ser capaz de operar em um tempo diferente do dominante. Ele acredita que o *slow journalism* pode ser útil para ajudar a compreender os níveis crescentes de pluralismo e proliferação de diferenças que caracterizam a vida democrática moderna.

Hermann (2015) entrevista e analisa o trabalho de jornalistas que operam técnicas de etnografia. O produto desta prática geralmente são longas reportagens para revistas, livros ou documentários em áudio ou filme. A autora também está mais interessada no efeito que o tempo provoca na maneira como o jornalista compreende o tema ou grupo em pauta do que na extensão do resultado final. Enquanto o tempo de imersão é fundamental para a apuração, é o tempo de distanciamento que permite a reflexão e faz emergir uma nova perspectiva, mais complexa. O tradicional olhar cético para os sujei-

⁴ Tradução livre: “applies to making media accessible to a community and ensuring that conditions of employment and remuneration in news organisations are not exploitative.”

tos representados é substituído por um olhar mais empático. Quando obrigados a operar na velocidade das notícias online, os jornalistas tendem a optar pelo que oferece uma sensação maior de segurança: fontes oficiais e uma visão de mundo simplificada e bem aceita socialmente. Para a autora, o *slow journalism* tem claras vantagens competitivas como negócio em um cenário de superabundância de informação e produção de conteúdo por amadores.

Não se trata de uma visão idealizada de retorno a uma época mais tranquila e a valores jornalísticos tradicionais. O tema recorrente nos artigos acadêmicos sobre *slow journalism* é a ênfase na questão do tempo como uma premissa para que o jornalista seja capaz de avaliar criticamente sua prática, começando pela escolha da pauta, que não é determinada pela pressão do que está acontecendo agora ou do que os outros veículos estão noticiando (GREENBERG, 2016), passando pelas técnicas de investigação e chegando, claro, à elaboração do produto final. Autores como Ball (2016) e Harpers (2016) defendem que não sejam apagados os processos decisórios e reflexivos do produto final. Assim como no movimento *slow food* o consumidor está preocupado em saber as origens e circunstâncias do preparo de sua comida, no *slow journalism* é como se a cozinha também fosse mantida aberta (BALL, 2016).

Além da revista *Delayed Gratification*, já mencionada, um dos expoentes do *slow journalism* é o projeto *Out of Eden Walk*, de Paul Salopek para a **National Geographic**. O jornalista partiu em 2013 da Etiópia para reconstruir a trajetória da humanidade em sua rota de povoação do planeta em uma caminhada que deve durar 10 anos e chegar à Terra do Fogo, no Chile⁵. O conteúdo está disponível no site da revista. O jornalista também produz reportagens especiais para a edição impressa. Além disso, foi criada uma disciplina em uma faculdade de jornalismo para aplicar os ensinamentos da caminhada de Salopek (BELT, SOUTH, 2015). Os formatos gerados a partir do conceito de *slow journalism* não são pré-determinados. Projetos como o de Salopek, digital e impresso, e a revista *Delayed Gratification*, em versão apenas impressa, se autodeclararam parte do movimento.

⁵ Disponível em: <https://www.nationalgeographic.org/projects/out-of-eden-walk/> Acessado em: 23/06/2017.

Uma análise publicada no site especializado *NiemanReports* considera o podcast⁶ *Serial* um dos produtos exemplares da prática:

[...] Sarah Koenig e Julie Snyder passaram um ano reinvestigando uma história de um assassinato ocorrido em 1999 em Baltimore, e depois dividiram a história em segmentos de duração total de 12 horas para criar o *Serial*, que veio a tornar-se o podcast mais popular de todos os tempos. Parte do que tornou o programa tão atrativo foi a forma como ele se desenvolveu lentamente ao longo do tempo, frequentemente com um episódio complicando ou contradizendo o anterior”⁷ (BLANDING, 2015).

Serial é um podcast lançado em outubro de 2014 por uma equipe de profissionais ligados à *WBEZ*, uma estação de rádio de Chicago (EUA) afiliada à *National Public Radio (NPR)*, rede de rádios públicas americanas. A produção recebeu diversos prêmios de mídia e de jornalismo nos Estados Unidos. É importante mencionar a popularidade do podcast *Serial* porque um dos questionamentos frequentes nos artigos sobre o *slow journalism* é se a audiência teria tempo e interesse em consumir histórias tão longas.

The Sochi Project, também mencionado como exemplo pelos artigos acadêmicos e pela publicação *NiemanReports*, é um projeto de jornalismo transmídia desenvolvido por dois holandeses, o fotógrafo Rob Hornstra e o jornalista Arnold van Bruggen. Além de um site com uma reportagem multimídia, o projeto se desdobrou em uma exposição, publicações impressas e digitais (GAMBARATO, 2016):

The Sochi Project se aproveita das características inerentes do *slow journalism*, tais como pesquisa em profundidade e narrativas confiáveis e cativantes, para engajar as audiências através de múltiplas plata-

⁶ Modalidade de distribuição e consumo de conteúdo, geralmente em áudio, mas com a possibilidade de ser também em vídeo. Nessa modalidade, o usuário faz download de programas ou episódios, utilizando aplicativos específicos para essa finalidade.

⁷ Tradução livre de: ““This American Life” producers Sarah Koenig and Julie Snyder spent a year re-investigating the story of a 1999 murder in Baltimore County, and then spaced out the story in 12 hour-long segments to create “Serial,” which became the most popular podcast of all time. Part of what made the show so engrossing was the way it unfolded slowly over time, with one episode often complicating or even contradicting the one before it.” Disponível em <http://niemanreports.org/articles/the-value-of-slow-journalism-in-the-age-of-instant-information/> Acessado em 17/06/2017.

formas e oferecer uma experiência mais significativa⁸ (GAMBARATO, 2016)

Projetos tão diferentes como a revista trimestral *Delayed Gratification*, *Out of Eden Walk*, *The Sochi Project* e o podcast *Serial* são considerados exemplares do que se apresenta como *slow journalism*. As análises acadêmicas ou de revistas especializadas, as premiações e a repercussão diante dos seus diferentes públicos nos levam a acreditar que tais produções têm em comum a preocupação com a qualidade de produção e apresentação. Declarações dos produtores e estudos que se dedicam a este aspecto também concluem que estes são exemplos de conteúdos jornalísticos preocupados com as comunidades às quais se destinam, empregando cuidados éticos em relação às pessoas e lugares que se tornam objeto de suas reportagens e tendo como objetivo gerar uma leitura empática e reflexiva, que vai muito além da mera informação factual. De maneira geral, as características aparentes e as análises anteriores colocam estas publicações como exemplares do movimento. Por essa razão, nós as elegemos para observação, visando investigar como o *slow journalism* se relaciona com o tempo e o quanto essa relação pode ou não ser utilizada para circunscrever um determinado produto jornalístico ao conceito.

3. Dimensões da relação com o tempo

O imperativo da velocidade na publicação de novas informações não é algo novo para os veículos jornalísticos: apurar e noticiar os fatos antes dos concorrentes é uma forma de diferenciação competitiva tradicional. A capacidade de decidir rapidamente o que deve ou não ser noticiado, de verificar os fatos com agilidade e de produzir conteúdo de qualidade mesmo sob um ritmo acelerado costumam ser competências valorizadas em profissionais que trabalham em redações, inclusive pelos próprios jornalistas (BOYER, 2013). A velocidade, ao lado da objetividade, da ética, da autonomia e da prestação de serviço à sociedade, é um dos principais valores que conferem credibilidade e legitimidade à atividade do jornalismo, de acordo com os profissionais (DEUZE, 2005).

⁸ Tradução livre: “The Sochi Project takes advantage of the inherent characteristics of slow journalism, such as deep research and credible compelling narratives, to engage the audience across multiple media platforms and offers a more purposeful and significant experience.”

Na relação com o tempo, o processo de produção jornalístico lida com exigências e ritmos intrínsecos e extrínsecos. Os primeiros são determinados pelas próprias organizações: coordenação com áreas de logística e distribuição, gerenciamento de recursos, decisão de investir em longos projetos de investigação, decisão de publicar ou não uma informação com base nas expectativas em relação à concorrência. Os extrínsecos são os grandes eventos imprevisíveis que exigem cobertura jornalística além do que já havia sido planejado; horários de anúncios e entrevistas coletivas definidos por organizações, governos e empresas; cobertura eleitoral (ANANNY, 2016). Além desses tradicionais, as redações hoje, ao adotar plataformas tecnológicas externas para publicar ou distribuir seu conteúdo, estão sujeitas também a um ciclo temporal que foge ao seu controle e é determinado por algoritmos desenvolvidos por empresas que têm sua própria lógica de operação, não alinhadas às necessidades editoriais das redações: quando uma chamada publicada no Facebook aparecerá para os leitores daquele jornal? Para Ananny (2016), vivemos em uma época em que o tempo do jornalismo é determinado pelo “tempo algorítmico”.

Para Charron e Bonville (2016), estamos em um momento extremo dessa exigência por velocidade, pois experimentamos um contexto de hiperconcorrência midiática. Nesse cenário, os veículos jornalísticos não disputam apenas com outros produtos de informação noticiosa. No mercado da atenção da audiência, cada usuário de ferramentas de redes sociais é um concorrente. Os autores descrevem este “novo universo midiático de superabundância e de intensa concorrência” a partir de três aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, uma oferta de informações com volume e diversidade inimagináveis; em segundo, um comportamento volátil de consumo, em que se salta de um conteúdo para outro muito rapidamente; e, por fim:

[...] as condições técnicas de produção permitem aos jornalistas saber em tempo real, ou quase, como os concorrentes cobrem os acontecimentos; eles têm igualmente a possibilidade de saber com rapidez e exatidão como o público reage a essas mensagens, às suas e às de seus concorrentes (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 340).

É importante lembrar que o jornalismo não apenas responde ao tempo da sociedade e suas mudanças tecnológicas, mas é reconhecido também como um elemento gerador da compreensão de tempo compartilhada pelas sociedades. Craig (2016) recorre a

Benedict Anderson, autor que estuda comunidades, para explicar que “as formas iniciais de jornalismo e literatura possibilitaram uma regularização da ideia de tempo e de simultaneidade que a mente medieval não seria capaz de reconhecer”⁹. Para o autor, o “jornalismo ainda é uma forma central pela qual nossa compreensão de tempo é reproduzida” (2016). Estudioso dos movimentos de *slow living*, ao escrever sobre *slow journalism*, o que o autor pretende é explorar a ideia de que, assim como seria possível a um indivíduo autônomo transitar (conforme seu desejo e necessidade) entre o consumo de *slow* ou *fast food*, um ecossistema saudável de informações permitiria a convivência entre *slow* e *fast journalism*.

Quando definem o que é o jornalismo, Charron e Bonville o descrevem como uma prática discursiva realista sobre um referente real que:

[...] se distingue de outros discursos realistas (discursos políticos, processos verbais, relatórios científicos, etc.) principalmente: (a) pelo quadro institucional ou midiático em que se produz e (b) pela relação que instaura com o tempo, devido à sua periodicidade” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 189).

Mais adiante, ainda afirmam que:

Com efeito, o que especifica o jornal não é o fato de ser um meio impresso (que conta com uma divulgação pública, mesmo que restrita) ou de divulgar notícias, mas sua periodicidade. Consequentemente, começa-se a recortar o relato da experiência humana em função do retorno periódico do jornal. Na origem, a atividade societal e o novo meio de comunicação não são sincronizados, mas com o tempo, com a generalização deste, a recorrência do jornal é levada em conta, incorporada, por assim dizer, ao funcionamento de outras instituições sociais (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 192)

Ao construírem uma tipologia a partir das mudanças paradigmáticas pelas quais o jornalismo transitou desde o seu surgimento, no século XVII, os autores consideram que a relação com o tempo é fundamental para distinguir os quatro tipos: jornalismo de transmissão, de opinião, de informação e de comunicação. Para isso, o primeiro elemento que analisam é a periodicidade. Eles argumentam que, para o jornalismo de comunicação, que corresponde ao paradigma da atualidade, “a periodicidade não é mais uma consideração pertinente” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 194). Em um cenário de

⁹ Tradução livre: “early forms of journalism and the novel enabled a regularizing of time and an idea of simultaneity which the medieval mind would not have recognized”.

circulação de informação em tempo real, “o presente é o tempo do jornalismo de comunicação: presente do ao vivo, da informação contínua, do comentário sobre o acontecimento recente ou em curso” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 194).

No jornalismo de transmissão, do primeiro modelo, a temporalidade é lenta e “não é necessário que as ocorrências sejam recentes, porque sua crônica é feita para o futuro”. Além de se referirem à periodicidade, acrescentam que “os autores se permitem longas descrições, uma vez que os leitores, sem outras informações, podem ler à vontade de todo o jornal” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 192 e 193).

Enquanto o jornalismo de opinião trabalha com diferentes periodicidades, no de informação,

o jornal se concentra no que se passou desde a última entrega e foca na narração dos acontecimentos [...]. Nesse tipo de jornalismo, o passado e o futuro são apagados, e só o presente importa, sob a forma de um passado imediato, constituído de ocorrências recentes (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 194).

O segundo aspecto da relação com o tempo, conforme os autores, é o intervalo entre as ocorrências e sua apresentação pelo jornal. A importância desse intervalo marca a diferença entre os tipos construídos por eles (modelos). Se esse intervalo é de pouca importância no jornalismo de transmissão, é primordial para o jornalismo de informação: o jornal só publica o que se passou entre duas edições diárias. No jornalismo de opinião, “o momento em que acontece a ocorrência é levado em conta: o jornal publica o que veio ao seu conhecimento entre duas edições e tende a enfatizar as ocorrências que tenham no máximo uma semana”. A transformação tecnológica, que permite um aumento da velocidade de transmissão da informação, é determinante para que, no jornalismo de comunicação, em que o “ao vivo” e o “tempo real” são possíveis e constantemente empregados, “a ocorrência e sua representação coincidem, senão o intervalo entre os dois acontecimentos fica reduzido ao mínimo” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 195).

O terceiro aspecto é a relação com o tempo na prática discursiva, ou seja, quão próxima é a sequência de eventos da ocorrência em relação à sequência de eventos da narrativa. Enquanto nos modelos de opinião e de transmissão há uma sincronia, no de informação e no de comunicação há um deslocamento dos eventos em nome da necessi-

dade de informar mais rápida e diretamente (a pirâmide invertida no jornalismo de informação) ou nome da necessidade de “efeitos estilísticos” (jornalismo de comunicação).

Nosso objetivo aqui não é aprofundar a discussão sobre a relação do jornalismo com o tempo, mas observar como o jornalismo *slow* se relaciona com o tempo a partir do quadro definido por Charron e Bonville, visto que existe pouca ou nenhuma clareza sobre quais seriam – se existirem – seus traços diferenciais. No futuro, podemos ampliar este quadro e usá-lo para comparações com outros formatos que tenham características semelhantes mas não se encaixem no movimento. Por ora, fazemos um primeiro exercício exploratório.

Em relação à periodicidade, há dois traços distintos entre os quatro projetos que escolhemos observar. A revista *Delayed Gratification* é uma publicação trimestral que tem como propósito ser “a última” a chegar aos locais dos acontecimentos. É um objetivo editorial “contar o final das histórias”, entender as consequências dos eventos nas comunidades atingidas. Retornar quando os assuntos não são mais “quentes” nos veículos tradicionais para realizar reportagens aprofundadas – não necessariamente longas. Os três meses de intervalo são importantes para esta produção. O podcast *Serial* opera em uma lógica de temporadas, semelhante às séries televisivas em serviços *on demand*. O podcasting é, afinal de contas, um serviço que depende de o usuário fazer o *download* dos arquivos disponíveis. A primeira temporada, que determinou o sucesso da iniciativa, teve seus 12 episódios publicados com intervalos de uma semana entre eles. Ainda que a produção da reportagem tenha levado mais de um ano, a edição dos episódios foi feita à medida que eles seriam publicados, dando espaço para a inclusão de novas informações, se surgissem. Para *The Sochi Project* e *Out of Eden Walk*, porém, a periodicidade não é relevante. Os dois se autodenominam *slow journalism* e tem em comum o longo investimento de tempo para os lugares e temas que se propõem a cobrir: 5 anos no caso dos holandeses que foram para Sochi e 10 anos no projeto da revista *National Geographic*. Porém, os conteúdos são publicados em diferentes temporalidades, até mesmo em diferentes suportes de mídia, e não há pré-definição em relação à periodicidade.

Quando se trata do intervalo entre a ocorrência e a publicação, é importante notar que o *The Sochi Project* e o *Out of Eden Walk* não tratam de ocorrências propriamente. No primeiro, trata-se de um acompanhamento das transformações da localidade no período pré-olímpico. No segundo, o jornalista produz uma narrativa que retrata localidades e pessoas, que podem até se aproximar da descrição que Charron e Bonville fazem do jornalismo de informação, em um certo sentido: ele relata o que encontrou entre uma publicação e outra. Neste caso, trata-se de um projeto com 10 anos de duração, mas a versão digital tem atualizações bastante frequentes, com intervalo mínimo entre ocorrência e relato. Já o podcast *Serial* tem como objetivo revisitar as investigações de um crime ocorrido em 1999. Enquanto a ocorrência do crime está há um intervalo que tem mais de 10 anos de distância da sua reportagem, os efeitos perduram até aquele momento: será que o rapaz condenado à prisão perpétua é mesmo culpado ou foi condenado injustamente? Diante da possibilidade de aceitação pela Justiça do pedido de um novo julgamento do caso, o podcast apresenta variações a cada episódio no que diz respeito a este intervalo: alguns relatam os eventos de 1999; outros relatam os avanços da própria investigação jornalística iniciada naquele momento (2014). Pode-se dizer que este intervalo é, na maior parte da duração da temporada, bastante reduzido. A revista *Delayed Gratification*, por sua vez, pretende entregar conteúdos que tenham este intervalo de três meses ou mais entre a ocorrência e a publicação.

Em relação à sequência da narrativa, o que podemos observar no podcast *Serial* é uma elaboração complexa precisamente para envolver o ouvinte. Sendo uma reportagem que se apresenta em áudio, separados em episódios que exigem o consumo do episódio anterior para a compreensão do seguinte, é também uma experiência em que a audiência é requisitada a consumir linearmente a narrativa, ainda que esta não seja linear. Nas demais publicações, em sintonia com o que os autores descrevem como características do jornalismo de comunicação, os recursos estilísticos para envolver o leitor são colocados como elementos mais importantes do que a linearidade das ocorrências ou a necessidade de informar o leitor de forma mais rápida e direta, como no jornalismo de informação.

Quando Charron e Bonville (2016) tratam da relação entre real jornalístico e realidade social, eles afirmam que “a produção jornalística não é apenas um *corpus* de tex-

tos, é também e principalmente uma atividade social cuja influência sobre o real (que ela tem a missão de representar) pode ser avaliada” (p. 221). Para os autores, também há implicações, claro, do real sobre o que chamam de enunciação jornalística. Nos textos jornalísticos, portanto, os autores encontram indícios que lhes possibilitam compreender algo sobre o público daquele jornal. Trazemos este aspecto à tona pois aqui, mais uma vez, os autores trazem, de forma indireta, mais um aspecto da relação do jornalismo com o tempo: a percepção de disponibilidade para a leitura influencia o próprio texto. Dessa forma, no jornalismo de transmissão, por exemplo, “a ausência de título nos leva a pensar que o leitor dispõe do tempo necessário para a leitura completa do jornal” (p. 241). Já no jornalismo de informação, o leitor “dispõe de um tempo limitado para tomar conhecimento do grande número de notícias que chegam a ele e deseja poder ler as matérias que lhe interessam mais” (p. 245). O jornalismo *slow* suporia, necessariamente, que o leitor dispõe de tempo para ler tranquilamente? Já que vivemos no contexto da superabundância de informação, haveria interesse neste tipo de jornalismo?

Quando olhamos para os quatro exemplos do *slow journalism* aqui tratados, quais são os traços que encontramos do público e de suas expectativas? A extensão ou duração do conteúdo *slow* é determinante para caracterizar os produtos deste movimento? A partir dos exemplos analisados, não é possível determinar se há uma duração ou extensão mínima para fazer este corte. Acreditamos, porém, que a análise de mais exemplos pode nos ajudar a compreender melhor o fenômeno.

4. Considerações finais

Não existe no movimento *slow food* uma definição em relação ao tempo mínimo que o alimento deve levar para ser preparado ou consumido. Trata-se muito mais de um movimento que inspira a viver uma determinada ética da relação com a comida do que uma obrigação de comer de maneira mais lenta. Quando os princípios do movimento são levados ao jornalismo, porém, existe quase um choque de conceitos: o jornalismo traz na sua própria definição a maneira como se relaciona com o tempo. E, se observado a partir da perspectiva de Charron e Bonville (2016) e muitos outros autores, a tendência é que, a medida em que as tecnologias de comunicação e informação avançam, mais

“veloz” torna-se a capacidade de relatar ocorrências, chegando ao “ao vivo” ou ao “tempo real”.

Na contramão dessa maré, o movimento *slow journalism* propõe também uma relação diferente com o tempo: não é apenas porque é possível ser mais rápido que essa seja sempre a melhor opção, ou a única. Seus defensores também reconhecem que não seria possível e nem desejável eliminar as *fast news*, imprescindíveis para a sociedade. Os pesquisadores que já se dedicaram ao tema celebram a qualidade dos produtos e sua capacidade de gerar uma compreensão melhor da complexidade do mundo, mas questionam se há tempo e interesse por parte da audiência em consumir esse tipo de conteúdo.

Enquanto damos os primeiros passos de aproximação em relação a este tema ainda pouco explorado do ponto de vista acadêmico, o que se apresenta aqui foi uma primeira tentativa de estabelecer alguma compreensão sobre a forma como o *slow journalism* se relaciona com o tempo. Como mencionado anteriormente, é necessário analisar mais exemplos e também ampliar as perspectivas teóricas, mas parece se confirmar a hipótese de que, assim como o *slow* não é determinante para definir a relação com o tempo no movimento *slow food*, também não é esta relação que vai definir o *slow journalism*. Considerando os efeitos da pressão do tempo não apenas sobre os jornalistas, mas sobre todos os envolvidos no processo de produção e consumo de informações, acreditamos ser relevante questionar as práticas correntes a partir da perspectiva aberta pelo movimento *slow journalism*: como seria um jornalismo que se pautasse pelos princípios do bom, do limpo e do justo?

Referências

- AIGUABELLA, J. M. A. Slow journalism para una nueva audiencia digital. El caso de Longform.org (2010-2015). **Revista de Comunicación**, 2015. v. 14, p. 7–25.
- BELT, D.; SOUTH, J. Slow journalism and the Out of Eden Walk. **Digital Journalism**, 2016. v. 4, n. 4, p. 547–562.
- BLANDING, M. The Value of Slow journalism in the Age of Instant Information. **NiemanReports**, [S.l.], ago. 2015. Disponível em: <<http://niemanreports.org/articles/the-value-of-slow-journalism-in-the-age-of-instant-information/>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- BOYER, D. **The Life Informatic**: Newsmaking in the Digital Era. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2013.

CEDILLO, G.; CARRETERO, A. Periodismo lento (slow journalism) en la era de la inmediatez. Experiencias en Iberoamérica. **El profesional de la información**, 2015. v. 24, n. 4, p. 451–462.

CHARRON, J.; BONVILLE, J. De. **Natureza e transformação do jornalismo**. Jornalismo e Sociedade. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

CRAIG, G. Reclaiming Slowness in Journalism. **Journalism Practice**, 2015. v. 10, n. 4, p. 461–475.

DEUZE, M. What is journalism?: Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**, 2005. v. 6, n. 4, p. 442–464.

DROK, N.; HERMANS, L. Is there a future for slow journalism? **Journalism Practice**, 2016. v. 10, n. 4, p. 539–554.

GAMBARATO, R. The Sochi Project. **Digital Journalism**, [s. l.], v. 4, n. 4, p. 445–461, 2016. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2015.1096746>>

GREENBERG, S. Slow journalism: Why doesn't Britain have a culture of serious non-fiction journalism like the US? **Prospect**, [s. l.], 2007. Disponível em: <<http://www.prospectmagazine.co.uk/opinions/slowjournalism>> Acesso em: 29 nov. 2017.

GESS, Harold. Climate change and the possibility of 'slow journalism'. **Ecquid Novi: African Journalism Studies**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 54–65, 2012. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02560054.2011.636828>>

HARBERS, F. Time To Engage. **Digital Journalism**, 2016. v. 811, n. March, p. 1–18.

HERMANN, A. The Temporal Tipping Point. **Journalism Practice**, [s. l.], v. 10, n. 4, p. 492–506, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17512786.2015.1102605>

LE MASURIER, M. What is Slow journalism? **Journalism Practice**, 2015. v. 9, n. 2, p. 138–152.

_____. Slow journalism. **Digital Journalism**, 2016. v. 2786, n. May, p. 405–413.

NEVEU, E. On not going too fast with slow journalism. **Journalism Practice**, 2016. v. 2786, n. January, p. 1–13.

ORCHARD, R. The slow journalism revolution | Rob Orchard | TEDxMadrid. **Youtube**. 3 out. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UGtFXtnWME4> Acesso em: 26 jun. 2017.

PARKINGS, W.; CRAIG, G. **Slow Living**. Oxford: Berg, 2006.